

## **DO INDIZÍVEL AOS GRITOS DE RESISTÊNCIA: VOZES CAMPONESAS CONTRA A LGBTFOBIA PEDEM PASSAGEM!<sup>1</sup>**

Rodrigo Duarte Faccin <sup>2</sup>

Parto da ideia de que, apesar do aprofundamento teórico e metodológico dos estudos sobre ruralidade nas ciências sociais, é notória a escassez de temáticas sobre sexualidade e diversidade sexual em pesquisas sobre as comunidades rurais no Brasil. Diferente dos estudos sobre gênero, as pesquisas sobre sexualidade no meio rural parecem completamente invisibilizadas, resumindo-se a pouquíssimos trabalhos que tratam o aspecto rural, pois, geralmente, os trabalhos que encontrei tentam transplantar as relações sociais urbanas ao meio rural ou ainda mantêm a velha dicotomia rural x urbano.

Sobre esta realidade reduzida de estudos sobre sexualidades no âmbito rural, me apoio na afirmação de Ferreira (2008, 2006), segundo o qual, os “Textos Brasileiros sobre o Rural”, que o autor chama de TB, de uma maneira geral, negligenciam a sexualidade camponesa, universalizam modos de vida e omitem “práticas desviantes”, através da invisibilização ou da generalização do assunto, colaborando para a manutenção do “indizível<sup>3</sup>” nas sociedades camponesas.

É interessante salientar que tais estudiosos sobre as sociedades camponesas não tinham e não têm, em sua maioria, as sexualidades como centro em suas discussões, pois trata-se, infelizmente, de uma temática subalterna, em detrimento de valores hierarquizados (Deus – Homem – Natureza), que para o TB, passam a ser centrais ao entendimento do campesinato. (FERREIRA, 2008, p. 20)

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte inicial das pesquisas de minha tese de doutorado, que busco mais do que uma simples disputa de narrativas sobre o rural, ocupar um espaço acadêmico ainda pouco habitado por estudos sobre a população LGBT.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>3</sup> O conceito de indizível de Ferreira é resgatado de Daniel Lins, proposto a partir do pensamento de Nietzsche, Artaud, Khatibi e Deleuze-Guattari.

Magrini (2015, p. 205), estudando Ferreira, mostra que esse indizível se relaciona às sexualidades ditas “anormais”, fora da norma ou que não são percebidas. Para Ferreira (2008, p. 21, 22), estas sexualidades são silenciadas, pois muitos pesquisadores abordam o rural de forma “acriticamente”, colaborando para a manutenção e propagação desse ideal “castrador” sobre rural. Além disso, não se atentam para as “peripécias do desejo”, construindo “verdades repetidas”.

Fora o incipiente debate no meio acadêmico sobre sexualidade e diversidade sexual em pesquisas sobre o rural, o assunto começa a ser explorado por movimentos sociais do campo, como observa Magrini (2015) em tese de doutorado que analisou a produção acadêmica sobre o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) a partir da análise das categorias raça, gênero e sexualidade, além de apontar como estes marcadores da diversidade são vistos dentro do Movimento. Neste sentido, o autor assinala que mesmo a ausência de pesquisas sobre determinados temas, estes começam ganhar espaços nos debates dentro do Movimento:

“Contudo, alguns temas permaneceram “indizíveis” nos estudos analisados, como as discussões sobre violência contra a mulher, aborto, homossexualidade, racismo e saúde reprodutiva. Discussões ausentes de um corpo teórico que hegemoniza as pesquisas sobre o meio rural brasileiro, mas que, em meio a conflitos, vêm ganhando espaço nas políticas internas do MST”. (MAGRINI, 2015, p. 62)

O MST (2016), atualmente, apresenta suas bandeiras de luta e linhas políticas de forma a abranger diferentes segmentos da sociedade e aspectos da vida humana, como podemos observar os tópicos apresentados em seu site: cultura, reforma agrária, combate à violência sexista, democratização da comunicação, saúde pública, desenvolvimento, diversidade étnica, sistema político e soberania nacional e popular. Porém, ao apresentar suas linhas políticas é notória a exclusão da discussão de temas como a diversidade sexual. Além disso, a temática de gênero que é bastante difundida nas instancias do Movimento, ainda possui um grande

caminho para avançar sobre outros temas, como a violência contra a mulher e sobre saúde e os direitos reprodutivos.

Este silêncio e a invisibilização se contrapõe com um novo horizonte que se constrói. Há mais de dois anos jovens do Movimento vêm protagonizando, a partir de atividades nos estados e a nível nacional, a luta contra LGBTfobia a partir da criação do Coletivo LGBT do MST. Segundo um jovem<sup>4</sup> de 25 anos, morador rural na Bahia, o Coletivo possui o objetivo de lutar em defesa da reforma agrária e buscar o respeito à diversidade e a pluralidade representativa de seus integrantes. Segundo este jovem, tem lésbica, gay, travesti, transexual e bissexual no Movimento, sendo que o grande desafio é agregar todas estas pessoas à luta contra a LGBTfobia. Atualmente, o grupo é formado por cerca de 30 pessoas de forma autônoma, pois o coletivo ainda não faz parte das instâncias oficiais do MST.

As ferramentas encontradas pelo grupo são diversas, porém partem de métodos construídos historicamente pelo MST em seus espaços de reunião, encontros, seminários, plenárias, congressos e assembleias. Conforme relatado, são inúmeras as iniciativas que se estendem por todo território nacional, em que se destaca o maior número de atividades no Nordeste brasileiro.

Neste sentido, constatando que integrantes do MST estão buscando adotar e incorporar a pauta da sexualidade dentro das instâncias do Movimento, institucionalizando discussões a partir da criação de um Coletivo, além de produzirem cartilhas, organizando eventos, participando de marchas, algumas questões<sup>5</sup> são colocadas: O que significa o MST incorporar bandeiras de luta LGBT? As emergências<sup>6</sup> em torno da sexualidade nas ações de integrantes do MST,

---

<sup>4</sup> A partir de informações obtidas na internet, contatei vários integrantes do MST a fim de encontrar caminhos para pesquisar o Coletivo LGBT. Neste sentido, realizei uma entrevista, em setembro de 2016, com um integrante deste coletivo, oportunidade que pude tirar dúvidas e conhecer um pouco mais sobre a organização deste Coletivo.

<sup>5</sup> Encerro com estas questões, pois o presente trabalho faz parte da minha pesquisa “embrionária” de doutorado.

<sup>6</sup> A ideia de “indizível” pode ser facilmente relacionada com os estudos de Boaventura de Sousa Santos, pois para o autor existem narrativas que omitem aspectos da vida cotidiana, culminando em uma produção de não-existência.



mesmo que de maneira recente, colaboram em dar voz ao indizível? Quais são os significados que o MST atribui à sexualidade e à diversidade sexual? Como os sujeitos LGBT's vivenciam suas sexualidades<sup>7</sup> dentro do Movimento?

### Referências

- FERREIRA, P. **O texto brasileiro sobre o rural. Eterno retorno ao mesmo?** Ruris, Campinas. Volume 2, número 1, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas.** 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- MAGRINI, P. **Produção acadêmica sobre o MST: Perspectivas, tendências e ausências nos estudos sobre gênero, sexualidade, raça e suas interseccionalidades.** Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. 2015.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **A história da luta pela terra.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 16 out. 2016.

---

<sup>7</sup> Embora a sexualidade não tenha sido problematizada e conceituada neste trabalho, é necessário pensar a sexualidade como uma categoria de análise, inclusive para os contextos rurais. Neste sentido, aponto que busco relacionar meu estudo com os trabalhos de Judith Butler e Michel Foucault.